

RESUMO - PROTOZOOLOGIA E PATÓGENOS TRANSMITIDOS POR
VETORES

**AVALIAÇÃO DO EFEITO DE IMUNOTERAPIA ASSOCIADA À MILTEFOSINA
E ALOPURINOL NA REDUÇÃO DE RECIDIVAS EM CÃES NATURALMENTE
INFECTADOS POR LEISHMANIA INFANTUM**

Thabata Garcia (thabatavet@yahoo.com.br)

Lara Saraiva (lara.saraiva@fiocruz.br)

Marina Andrade Freire (marina-andradef@hotmail.com)

Daniel Moreira De Avelar (daniel.avelar@fiocruz.br)

Márcio Sobreira Silva Araujo (marcio.sobreira@fiocruz.br)

A leishmaniose visceral canina (LVC) é uma enfermidade crônica e progressiva que frequentemente requer múltiplos ciclos de tratamento leishmanicida para estabilização clínica. No Brasil, a Miltefosina é utilizada no tratamento da leishmaniose tegumentar humana desde 2018, o que tem levado a preocupações quanto ao possível desenvolvimento de resistência, uma vez que o princípio ativo é o mesmo do Milteforan® (Virbac), único fármaco aprovado para o tratamento da LVC. Este estudo teve como objetivo avaliar se a associação da imunoterapia ao tratamento convencional (Miltefosina e Alopurinol) seria capaz de reduzir a ocorrência de recidivas em cães infectados.

Foram incluídos no estudo 36 cães com LVC diagnosticados por reação em cadeia da polimerase quantitativa (qPCR) em linfonodo poplíteo, ensaio imunoenzimático (ELISA) e reação de imunofluorescência indireta (RIFI). O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética de Uso Animal (CEUA LW-30/25) e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado pelos responsáveis. Os animais foram distribuídos aleatoriamente em dois grupos: Grupo controle (GC), tratados com miltefosina (2 mg/kg, via oral, uma vez ao dia por 28 dias) e alopurinol (10 mg/kg, via oral, duas vezes ao dia por 12 meses), e Grupo tratamento (GT), submetidos ao mesmo protocolo de tratamento associado à imunoterapia com vacina contendo *Leishmania amazonensis* e saponina (quatro doses com intervalo de 28 dias e reforços trimestrais por 12 meses). Os animais foram avaliados a cada três meses por avaliação clínica e laboratorial (qPCR, ELISA, RIFI, hemograma e bioquímica), com processamento às cegas por patologista. Foram consideradas recidivas animais com piora clínica associada a alterações laboratoriais, além do aumento da carga parasitária e/ou dos títulos de anticorpos. Aos três meses, houve recidiva em 1/18 (5,56%) dos animais do GC e nenhuma no GT. Aos seis meses, 10/17 (58,82%) no GC e 2/18 (11,11%) no GT. Aos nove meses, 2/7 (28,57%) no GC e 1/16 (6,25%) no GT. Aos doze meses, 2/5 (40%) no GC e nenhuma no GT. A frequência acumulada foi de 83,33% (15/18) no GC e 16,67% (3/18) no GT. Observou-se redução aproximada de 80% das recidivas no grupo tratado, sugerindo que a imunoterapia poderia favorecer a manutenção de resposta imune de resistência à infecção. Esses achados indicam o potencial da imunoterapia como estratégia adjuvante no tratamento da LVC, contribuindo para a redução do uso e do risco de resistência à Miltefosina, com impacto positivo nas estratégias de controle da doença sob a abordagem de Uma Só Saúde.

Palavras-chave: imunomodulação; resistência antimicrobiana; carga parasitária.